

9º MINI-ONU
Guia de Estudos
UNCHE – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano,
Estocolmo 1972
- Medidas de Governança Ambiental -

1. Carta de apresentação

Estimados delegados,

É com enorme prazer que desejo-lhes as boas vindas a Estocolmo, sede da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano - UNCHE¹. Estamos no ano de 1972 e a partir de agora o trabalho de vocês é algo inédito na história das Nações Unidas: discutir medidas de governança ambiental. Ao participarem dessa conferência os senhores se encontraram no meio da Guerra Fria, debatendo sobre um tópico até então pouco relevante na agenda dos atores internacionais. No intuito de auxiliar nessa tarefa desenvolvemos um guia que discorre sobre o cenário internacional da época e os principais desafios que a questão citada abrange.

Eu sou Leonardo Duarte, aluno do segundo ano do curso de Relações Internacionais da PUC Minas. Como secretário geral da UNCHE completo minha 9ª participação no Mini-Onu. Durante o ensino médio, participei de diversos modelos e já como universitário fiz parte do *staff* do TEMAS Ásia. Neste ano, terei o imenso prazer de ter ao meu lado na diretoria da UNCHE, me auxiliando nos trabalhos do comitê, minha querida amiga e mentora Letícia Tatemoto e meu ex-voluntário Lucas Amaral.

Eu me chamo Letícia Tatemoto e penso que modelos, muito mais que “micaretas de nerd” são uma forma incrível de aprendizado. Poderia mesmo dizer que simulando e dirigindo comitês aprendi muito mais e em maior profundidade que em várias disciplinas da graduação. Tenho agora oportunidades especiais, como a de trabalhar com meu calourinho e amigo Léo Duarte, de estudar mais um aspecto da temática pela qual mais me interessa, o meio ambiente, e de preparar um comitê para secundaristas, talvez o grande desafio para essa *senil* diretora de universitários. Léo, Lucas, delegados, nada é mais divertido que uma sessão final que parece nunca acabar, onde não se sabe se a energia de todos na sala está dirigida a concluir e aprovar o melhor documento ou apenas aproveitar até a última gota o gostinho da festa muito, muito séria que é a simulação!

Meu nome é Lucas Amaral e minha experiência em modelos é mínima. Descobri a existência do Mini-Onu no ano passado, mas adorei a idéia, o que me incentivou a continuar a

¹ UNCHE, em inglês: United Nations Conference on the Human Environment

participar. Sem dúvida, outro incentivo forte foi a confiança do diretor Leonardo Duarte em meu trabalho, e o agradecimento por isso. Mesmo sem muita experiência em modelos, acredito que possamos fazer uma discussão muito interessante. Meu objetivo é fazer o melhor possível para que o comitê traga alguma reflexão sobre as questões ambientais para os participantes.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de fazer alguns agradecimentos às pessoas que foram fundamentais na realização desse trabalho. À minha família que mesmo sem entender, me apoiou quando eu decidi abrir mão de feriados na praia para ir a universidades discutir o trabalho de meses de estudo. A Guilherme Casarões, secretário geral do VI Mini-Onu, Breno Gil, secretário geral do VII Mini-Onu e Mila Batista, diretora do UNESCO no V Mini-Onu; vocês foram fonte de inspiração para que hoje eu me tornasse capaz de estar aqui simulando meu próprio comitê. Aos meus assistentes e amigos Letícia e Lucas, por acreditarem na minha idéia e me apoiarem na realização desse sonho. A vocês delegados, agradeço o voto de confiança ao escolherem participar dos trabalhos deste comitê. Podem ter certeza de que todos nossos esforços serão para corresponder as suas expectativas. Por fim gostaria de agradecer em especial minha namorada Nina por ser minha melhor amiga nas noites sem fim de idéias e pesquisas que resultaram nesse comitê.

Delegados, reitero minhas boas vindas ao 9º Mini-Onu e lembrem-se que este Guia de Estudos passa superficialmente sobre alguns aspectos que o tópico proposto abrange. Por isso pesquisem e estudem muito mais além do que está aqui.

Saudações e até dia 5 de junho!

Leonardo Duarte
Secretário Geral da Conferência
unche1972@gmail.com

Letícia Tatemoto
Assistente

Lucas Amaral
Assistente

2. Introdução

Há só uma Terra, mas não só um Mundo. Todos nós dependemos de uma biosfera para conservar nossas vidas. Mesmo assim, cada comunidade, cada país luta pela sobrevivência e pela prosperidade quase sem levar em consideração o impacto que causa sobre os demais. (Relatório Brundtland, Nosso Futuro Comum)

Desde os primórdios da história do homem, a terra é o elemento fundamental para sua sobrevivência. É dela que retiramos nossos alimentos, onde construímos nossas casas e fundamos nossa sociedade. Entretanto, as interações humanas que ocorrem no mundo vêm há muito tempo colocando em risco essa terra.

O advento da Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX e o capitalismo promoveram um crescimento econômico nunca visto antes. Ao entrar no século XX, o regime capitalista já havia se firmado. Mesmo em um momento instável, marcado pela primeira e segunda Grande Guerra, a busca pelo acúmulo de capitais norteava as relações entre os Estados. Esse argumento não apenas levou as grandes potências a engajarem em conflitos de longa duração, que devastaram terras e povos em todo o mundo, mas também aumentou a disparidade entre os países desenvolvidos do norte e aqueles em desenvolvimento no sul.

Nesse cenário de olho por olho e dente por dente, havia pouca cooperação econômica, fator que foi agravante no uso descontrolado dos recursos naturais. Em um momento que havia pouca atenção sobre a relação sobre a ação humana na terra, o uso excessivo de recursos finitos colocou em risco a sobrevivência de comunidades inteiras. Não apenas o meio ambiente estava sendo afetado, mas a cultura do capitalismo estava se sobrepondo sobre outras culturas, atingindo as raízes sociais de diversos povos.

Não houve nenhum episódio específico que levou os Estados a se encontrarem para discutir questões ambientais. Ao longo do tempo, uma série de acontecimentos, frutos da ação humana, causaram tamanho impacto destrutivo na terra que os líderes mundiais não podiam mais fechar os olhos para esse problema. A inter-relação entre crescimento econômico e desenvolvimento social tinha impacto direto nas questões ambientais. É a partir

da percepção que o problema ambiental perpassa sobre as tradicionais fronteiras e demanda uma gestão coletiva, que nos encontramos nessa conferência.

3. Contexto histórico

A visão bíblica foi por muito tempo a base para o pensamento ocidental². Estabelecendo o homem como o centro da obra divina e sobrepondo-o a todas as outras criaturas e ao meio, a cultura judaico-cristã colocou a natureza a serviço do homem, ignorando possíveis limites. Outros povos, sociedades tradicionais ou camponesas, apresentam outro tipo de relação com o meio, reconhecendo e manifestando, notadamente na forma de culto, sua dependência e submissão ao ambiente natural (TATEMOTO, 2008, p.3).

A valorização do ambiente pode ser identificada, historicamente, na idealização arcadiana e mesmo nos jardins botânicos europeus. Entretanto, com uma motivação muito distinta daquela que emergiu nesse século (SOUZA, 2003). Na agenda internacional, a primeira conferência sobre a temática ambiental foi o Congresso Internacional de Proteção do Meio Ambiente, em Paris, 1923.

O que é de fato importante compreender é que a Segunda Guerra foi o motor dos movimentos ambientalistas, dos partidos Verdes e mesmo da chamada “política ambiental internacional”. Nessa ocasião, o mundo foi apresentado ao chocante efeito da tecnologia humana sobre o próprio homem. Além disso, os esforços de reconstrução do pós-guerra demonstraram também a dificuldade em recuperar o ambiente natural e a dependência do homem em relação a ele.

O conhecimento científico se desenvolve em velocidade surpreendente. Eclodem os movimentos da pós-modernidade (e.g. feminista, homossexual). O movimento de descolonização da África e Ásia³ contribuem para fortalecer a cisão entre Norte e Sul. E, além de tudo isso, o mundo se percebe dividido

2 É inegável a influência da dogmática religiosa mesmo nos tempos atuais, e difícil precisar o crescimento do peso do cientificismo em nossa sociedade. Assim, tornam-se irrelevantes as separações temporais acerca de aumento ou diminuição da preponderância da influência bíblica no pensamento sobre o ambiente. A referência ao livro Gênesis nos serve, aqui, como indicação de que, culturalmente, o Ocidente magnifica o homem frente à natureza; indicação esta que poderia também ser feita através de diferentes exemplos da própria produção científica moderna.

3 Mais sobre isso pode ser compreendido ao estudar a Conferência de Bandung, de 1955.

entre dois lados inimigos, hostis e militarmente poderosos que, caso cheguem ao enfrentamento direto, têm capacidade destrutiva, atômica, de proporções que sobrepassam a imaginação. É esse o conturbado contexto que se constrói. O ambiente, e mais, a relação entre o homem e o ambiente, é, pois, um dos temas que daí emerge.

O pós-guerra é, também, a época de preocupação com o desenvolvimento. O pensamento da época, impulsionado pelo presidente norte-americano Harry Truman, era de que os países de “terceiro mundo”⁴, deveriam buscar o desenvolvimento econômico chegando, de uma forma quase linear e ascendente, ao “primeiro mundo”. E esse modelo passa a ser difundido pelo sistema ONU, com “imperativos de melhoria da condição de vida de suas populações e a uma orientação política favorável ao modelo democrático ocidental.” (SANTOS FILHO, 2005). Mas o desenvolvimento econômico não ocorre sem custos e exploração ambientais.

É imprescindível ressaltar, que a Guerra Fria, e, portanto, a preocupação com segurança e sobrevivência, são as questões centrais. Quaisquer outros pontos das agendas nacional ou internacional eram relegados ao segundo plano. Vale lembrar que a Conferência de Estocolmo ocorre durante os últimos anos da Guerra do Vietnã⁵, nos quais as pressões interna e internacional para o fim do conflito eram fortíssimas, e os EUA já sentiam a possibilidade de derrota. O presidente norte-americano em exercício era o conservador Richard Nixon, que tinha Henry Kissinger como conselheiro para segurança nacional⁶. Em 1968, apenas dois anos antes, ocorreu a invasão da Checoslováquia pela União Soviética, na tentativa de conter a chamada Primavera de Praga⁷. Era a época de Brezhnev à frente do Partido Comunista da União Soviética, e, portanto, da “Doutrina Brezhnev” de proteção do socialismo através da intervenção. A Europa também não se encontrava em paz, uma vez que os Tratados de Helsinki⁸, que trouxeram garantias quanto ao não-intervencionismo, a soberania, e os direitos humanos entre os membros levariam ainda três anos para acontecer. Era esse, pois, o clima de tensão

4 Termo usual à época.

5 Ela termina em 1975.

6 Ambos lembrados pela atuação na política externa no campo da segurança.

7 Movimento de liberalização política no país que o afastaria do Pacto de Warsóvia.

8 De 1975, marco inicial da OSCE- Organização para Segurança e Cooperação na Europa.

diplomática e intensa preocupação com a segurança nacional que prevalecia à época.

Ainda, alguns pontos importantes no contexto da UNCHE:

- nenhuma organização internacional tinha foco (exclusivo ou significativo) em questões ambientais;
- havia enorme preocupação com os resultados da pressão populacional sobre os recursos naturais. Em 1972 é publicado o livro *Os limites do crescimento*⁹, contendo previsões muito alarmantes sobre a impossibilidade de o planeta suportar o crescimento populacional nos próximos 100 anos;
- a Guerra do Vietnã, 1959-75 e as práticas norte-americanas de uso de desfoliantes e demais táticas de enorme impacto ambiental, que a Suécia chegou a denominar “ecocídio”. (VIG, AXELROD, 1999, p. 30);
- os resultados científicos da Conferência da Biosfera¹⁰, que, além de inaugurar o termo “biosfera”, chegou a consensos como a incapacidade de o aprimoramento tecnológico compensar os danos ambientais e a limitação de recursos e a necessidade de propor um novo modelo de desenvolvimento que levasse em conta as variáveis ambientais, uma vez que as mudanças no ambiente estavam chegando a níveis insuportáveis (SOUZA, 2003, p.55);
- desde o Ano Geofísico Internacional¹¹, 1957-58, a tendência era de uma abordagem mais holista das relações entre homem e natureza.

3.1 Antecedentes da Conferência

Até o ano de 1972 não havia sido realizado nenhum encontro internacional no âmbito da ONU acerca dos problemas ambientais globais. Foi a partir da percepção da inter-relação do meio ambiente com fatores econômicos e sociais e seu desenvolvimento que os países pela primeira vez se viram na necessidade de discutir as questões ambientais. Em 1971, o

9 Pelo MIT e Clube de Roma,

10 Conferência Intergovernamental de Especialistas sobre as Bases Científicas para Uso e Conservação Racionais dos Recursos da Biosfera, em Paris, 1968, organizada pela UNESCO. Essa Conferência resultou no lançamento, em 1970, do Programa Homem e Biosfera (MAP- *Man and Biosphere Program*), da mesma Organização.

11 Proposto pelo ICSU- *International Council for Science*

Conselho Econômico e Social da ONU, por meio da resolução 1346, expressou a necessidade urgente de ações intensificadas em níveis nacional e internacional para limitar e onde fosse possível eliminar as degradações do ambiente humano¹².

Acatando a recomendação do ECOSOC, a Assembléia Geral em sua vigésima terceira sessão decidiu organizar a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em 1972. Para tal, o Secretário Geral trabalhando em conjunto com agências internacionais e órgãos especializados da ONU, deveria tomar todas as providências necessárias para a preparação da conferência.

“(...) a Conferência deve ser um meio importante de estimular e prover estratégias de ação para Governos e Organizações Internacionais em suas tentativas de alcançar soluções válidas e permanentes para os problemas do meio ambiente humano. (...) A Conferência não deve se envolver com discussões técnicas específicas, mas sim deve abrir espaço para tópicos abrangentes de interesse humano em geral.”
Relatório do Secretário Geral (E/4667).

Após o relatório E/4667 do Secretário Geral da ONU, o ECOSOC em sua resolução 1148 (XLVII) recomendou que a Assembléia Geral discutisse sobre uma resolução que abordasse as propostas do relatório. Então na resolução 2581 (XIV) a AG afirmou que:

“A finalidade da Conferência deverá ser de servir como um meio prático para encorajar e fornecer um plano de ação, para Estados e Organizações Internacionais voltadas para a proteção e melhora do meio ambiente humano e para reparar e prevenir sua destruição, através da cooperação internacional, mantendo sempre em mente, a importância em particular de permitir que países em desenvolvimento tenham capacidade de evitar a ocorrência desse tipo de problema.”
Resolução 2581 (XIV) da AG.

O Secretário Geral, a convite da Suécia, concordou que a Conferência acontecesse em Estocolmo. Ele então escolheu um secretariado para a conferência que indicaria o seu secretário geral. No final da sua vigésima - quarta sessão a Assembléia Geral ainda estabeleceu a criação de um comitê preparatório para aconselhar o SG da conferência.

¹² “urgent need for intensified action at the national and the international level, to limit and, where possible, to eliminate the impairment of the human environment.” Tradução minha.

4. Definição do problema e questões que devem ser abordadas

Chegar a uma definição precisa sobre qual é o problema ambiental pode ser bastante difícil. Por ultrapassar as tradicionais fronteiras o conceito de meio ambiente deve ser cuidadosamente trabalhado em um esforço coletivo. A gestão desse problema deve abranger a duas esferas: a de “Mundo” e a de “Terra”.

Por “Mundo” deve-se entender a esfera política, econômica e social onde os indivíduos interagem e formam suas relações. “Terra” por outro lado é o conjunto das coisas físicas ou naturais. Devido à relação existente entre esses dois conceitos o assunto se faz ainda mais polêmico e merecedor de discussão. Além disso, a não ocorrência de debates sobre essa questão acarretará conseqüências drásticas a todos os indivíduos.

Segundo o trabalho sobre Governança Ambiental realizado por Durant, Fiorino e O’Leary, existem cinco elementos a serem considerados. O primeiro, é usar análises de sustentabilidade para acabar com debates empíricos ainda em discussão. O segundo, superar restrições burocráticas e partilhar de informações e investimentos em sustentabilidade para que esse conceito faça parte da tomada de decisões. O terceiro ponto diz respeito à corrida ao topo¹³, ao invés de tentar primeiro estabelecer os padrões para proteção do meio ambiente. Divergir os custos para o desenvolvimento social é o quarto ponto e por último, estimular as grandes potências, em especial, os Estados Unidos a tornarem-se adeptos das causas ambientalistas.

A necessidade de uma sistematização e cooperação entre Estados e outras agências é fundamental para a solução da crise ambiental. Caberá, portanto, a UNCHE encontrar soluções para esse assunto. A conferência proporcionará um ambiente de negociações para que se chegue a um acordo nessa questão, abrindo espaço para que países façam acordos multilaterais e permanentes ao longo do tempo.

Qual o tipo de instituição a ser criada era outro ponto polêmico. Sob qual aspecto seria construída uma organização voltada para o meio ambiente, uma vez que esse tópico é influenciado por diversos setores econômicos, políticos e

¹³ “Race to the top”, tradução minha

sociais? O grande problema é criar uma instituição capaz de educar e criar dentro das mais diversas culturas um entendimento único da importância do desenvolvimento sustentável, assim como apoiar as mudanças necessárias na economia mundial. O comércio de informação e tecnologia deveria fluir sem barreiras burocráticas e passar a fazer parte do processo de tomada de decisão dos líderes mundiais. Buscar apoio de outras organizações tais como o GATT e UNCTAD, pode ajudar nesse processo. Portanto, criar laços entre diferentes órgãos de cooperação internacional, não apenas entre Estados, torna essa discussão ainda mais intrigante.

“[...] nosso objetivo deve ser ajudar nossos estudantes, colegas e o público mais amplo a entender a necessidade de governança em um mundo parcialmente globalizado e os princípios que fariam esta governança legítima.”

Robert Keohane

A percepção da crise ambiental como algo global será o catalisador para que uma decisão efetiva seja tomada de forma mais rápida, envolvendo o bem estar da população mundial, em especial dos países em desenvolvimento. Estes, por deterem menor tecnologia e pouco acesso à informação acabam dependendo economicamente, quase que exclusivamente, de um único produto. Dessa forma, abusam excessivamente da terra causando danos que poderão tornar-se irreversíveis.

5. Posição de blocos

Grupo dos países desenvolvidos

Não era, certamente, um grupo coeso. Mas imperava a visão de que os países em desenvolvimento, ou de “terceiro mundo” na nomenclatura da época, eram “culpados” pela degradação ambiental, tanto pela intensiva exploração em seu processo de desenvolvimento, quanto pela explosão populacional pela qual passavam. As pressões dos movimentos ambientalistas

internos eram fortes. Havia clara percepção dos riscos e danos transfronteiriços da degradação e da poluição.

Grupo dos países em desenvolvimento

Não estavam dispostos a abrir mão do desenvolvimento em prol do ambiente¹⁴. Defendiam que os padrões de consumo dos países ricos eram muito mais perigosos que seu crescimento populacional. Exigiam compensações por esforços de conservação. O argumento dominante não se distanciava da afirmação de que o “primeiro mundo” alcançou seu nível de desenvolvimento às custas de seu ambiente e, portanto, todos teriam o mesmo direito.

Grupo das organizações internacionais

As Organizações Internacionais que possuem atividades voltadas para o meio ambiente tiveram um papel muito importante para a realização do UNCHE, pois são os principais pesquisadores na área. Além disso, foram os primeiros a perceberem os efeitos da ação humana no meio ambiente como algo negativo e que deveria ser questionado.

Essas instituições surgem a partir da admissão de que existe um problema¹⁵. No caso das Organizações Internacionais, estas surgem a partir do momento em que “há violação do DI¹⁶ ou o não cumprimento das obrigações internacionais” (ALBUQUERQUE, 2005). A partir desse ponto, podemos inferir que as organizações presentes no UNCHE só passaram a existir quando a comunidade internacional se deu conta de que algo estava errado, ou sendo conduzido de maneira errônea.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação surgiu a partir da necessidade de regulamentar as atividades desses setores, de forma a distribuir de maneira mais igualitária os alimentos produzidos no planeta. Foram, então, realizadas uma série de pesquisas relacionadas à falta

¹⁴ Não ignoravam completamente as relações de dependência do homem em relação ao meio, mas era uma preocupação distante.

¹⁵ Essa concepção sobre como surgem as instituições é controversa, não sendo totalmente aceita. Para outras versões sobre esse assunto, ler textos sobre o Institucionalismo nas Relações Internacionais.

¹⁶ Direito Internacional

de alimentos à população, e percebeu-se que as pragas e outros problemas direta ou indiretamente influenciados pela ação humana se tornavam cada vez mais dramáticos em determinadas regiões, como o problema do “deserto de gafanhotos” que atingiu as plantações mundiais em meados da década de 60 e 70, apontado em relatórios oficiais da FAO.¹⁷

É interessante ressaltar que as Organizações Internacionais têm a função de indicar o que pode ser feito para a resolução de problemas que se encontram em suas respectivas áreas de pesquisa. Dessa forma, na UNCHE, as organizações apontam quais são os países que mais influenciam nas questões tratadas por elas e o que pode ser feito para que esses problemas sejam amenizados. Na UNCHE, as grandes potências poluidoras – URSS e EUA – são indicadas como os maiores responsáveis pelas questões discutidas, sendo assim, foco da atenção de todas as Organizações Internacionais.

Apesar de termos citados o exemplo da FAO, todas as organizações participantes do UNCHE seguiram a mesma linha de raciocínio, isto é, utilizam relatórios feitos por suas equipes que corroboram a hipótese de que há um problema e ainda indicam onde e como esse problema surgiu, dando algumas possíveis medidas como solução.

Grupo das empresas privadas

Algumas empresas privadas tiveram participação ativa no UNCHE, se comprometendo a tomar atitudes de forma a amenizarem os impactos ambientais de suas respectivas produções. O que leva essas empresas a cooperarem? Sem dúvida, não é somente por serem conscientes, pois quem coopera sempre espera algo em troca. É papel dos delegados representantes dessas empresas analisarem o que elas tinham a ganhar com tal posição, pois dessa forma descobrir-se-á a posição das mesmas.

A *British Petroleum* aspira minimizar os impactos de suas atividades, do planejamento inicial ao gerenciamento de operações através da remediação de locais que já não são mais usados.¹⁸ A empresa tem assim um histórico de tentativas de diminuição do impacto ambiental gerado com a extração de

¹⁷ Para ver o relatório da FAO realizado em 1971 sobre esse ataque de insetos, acesse http://www.fao.org/ag/locusts/common/ecg/1097_en_DLCC16e.pdf

¹⁸ Fragmento retirado do site www.bp.com

petróleo, para que dessa forma a qualidade de vida da população mundial melhore consideravelmente.

A atuação dessas empresas na UNCHE estimulou a criação de determinados padrões internacionais de administração de recursos naturais, que seriam seguidos por essas companhias e estimulariam assim as novas ou tradicionais empresas que não haviam se conscientizado ainda a aderirem a essas regras.

A *Mitsubishi* também estava presente na UNCHE e suas propostas são basicamente as mesmas que as de outras grandes empresas. Entretanto, inclui a esfera social um pouco mais fortemente em seus projetos, apresentando diversos programas de conscientização da população.

A *Shell* dota da concepção de que para se aumentar a produção de energia na escala demandada pelo consumo, é necessário que esse crescimento seja acompanhado pela estabilidade social e ambiental. Sua posição é muito parecida com a da *British Petroleum*, até mesmo pela semelhança com relação às atividades das duas empresas.¹⁹

Já a *Transalta Utilities Corporation* parece apresentar o programa de sustentabilidade mais completo dentre as empresas participantes do UNCHE, pois visa diminuir o impacto de suas ações de todas as maneiras possíveis, trazendo a idéia de que a sustentabilidade é o sinônimo de *Transalta Utilities*.

O que nos interessa aqui é apenas dar um panorama da situação, para que a partir disso fique mais claro o que cada uma das empresas propôs em 1972. Entretanto, nos sites dessas companhias as informações são geralmente recentes, o que dificulta a busca de informações passadas. Apesar disso, acreditamos que os programas de sustentabilidade atuais possuem raízes no passado, e cabe a vocês decidirem quais são essas raízes, de acordo com o contexto apresentado.

¹⁹ Informações sobre o programa de desenvolvimento sustentável da *Shell* podem ser encontradas no site www.shell.com

6. Bibliografia

AXELROD, Regina; VIG, Norman (Ed.) **The Global Environment. Institutions, Law and Policy**. Washington D.C.: C.Q. Press, 1999.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. 1983. pp. 46-71

DURANT, Robert, FIORINO, Durant e O'LEARY, Rosemary. **Environmental Governance Reconsidered: Challenges Choices and Opportunities**. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2004. Sustainability by Robert Paehlke - cap. 1

PLATIAU, Ana, VARELLA, Marcelo e SCHLEICHER, Rafael. **Meio Ambiente e Relações Internacionais: Perspectivas Teóricas, Respostas Institucionais e Novas Dimensões de Debate**. Brasília, Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 47. pp. 100-130

SANTOS FILHO, Onofre. *O fogo de Prometeu nas mãos de Midas: Desenvolvimento e Mudança Social*. In: CAMPOS, Taiane Las Casas. **Desenvolvimento, desigualdades e relações internacionais**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

SOUZA, Matilde de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. **Solidariedade e interesses na gestão de recursos hídricos**. 2003. 324f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

TATEMOTO, Letícia Caroline Barche. **Nossa Fratura Comum: um ensaio sobre o surgimento e difusão do conceito de Desenvolvimento Sustentável**. Trabalho apresentado no ENERI/ CONOSUR 2008.

UN, **United Nations**. Disponível em: <www.un.org>

UNEP, **United Nations Environment Programme**. Disponível em: <www.unep.org>